

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS REALIZADAS NO ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

Kátia Ariane da Silva
Silvania Sousa do Nascimento (Orientadora)

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: ktia.ariane@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: silvania.nascimento@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca apresentar as questões que norteiam as práticas culturais acessíveis realizadas pelos mediadores do Espaço do Conhecimento da UFMG, a partir de uma análise documental das ações desenvolvidas pela instituição durante o ano de 2016. Na atualidade os espaços culturais apresentam um rico potencial discursivo, além de se mostrar como um local aberto para receber vários tipos de públicos, independente de suas necessidades especiais. Com isso, surgiu a necessidade de analisar como são realizadas as atividades inclusivas ofertadas pelos mediadores do Espaço do Conhecimento UFMG, para as pessoas surdas e cegas. Os objetivos desta pesquisa se referem ao desenvolvimento em colaboração com os mediadores de ações que enriqueçam as práticas educativas inclusivas da Instituição, além de promover a formação continuada desses sujeitos. Este estudo adotou uma abordagem metodológica a partir das concepções da pesquisa-ação, visto que ao fim da pesquisa, tem-se a intenção de produzir práticas educativas inclusivas para o maior número de sujeitos, em colaboração dos mediadores que atuam no espaço cultural. O resultado deste estudo defende a importância da educação não escolar, para a formação do conhecimento no sujeito. Por isso, ressalta-se a função social dos museus ao permitir que os sujeitos se apropriem do conhecimento histórico, social e científico da sociedade que integra. Desta forma, a instituição garante a permanência destes sujeitos no espaço expositivo ao promover o livre acesso dos sujeitos de forma a promover a sua autonomia durante a fruição cultural. Portanto, conclui-se que as relações educativas que se desenvolvem dentro dos espaços de arte, podem auxiliar as ações pedagógicas realizadas na sala de aula, durante a Educação Básica. Além de possibilitar um “olhar” questionador e reflexivo sobre a sociedade contemporânea, de modo a promover uma formação integrada ao sujeito.

Palavras chave: Educação não Escolar, Museus de Ciências, Pessoas com deficiência, Práticas Multissensoriais.

INTRODUÇÃO

Com a aprovação das leis de Criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM (Lei nº 11.906/2009) e da instituição do Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009), acontece uma reestruturação na área dos museus no Brasil. Assim, houve uma formulação do setor museológico, colaborando com a promoção das práticas educativas dentro das instituições museais. Nesse sentido, esta pesquisa investiga ações realizadas pelos mediadores do Espaço do Conhecimento da UFMG, um centro de ciências, que atuam no setor de acessibilidade, ou seja, voltadas ao público com necessidades especiais.

O Espaço do Conhecimento UFMG está localizado na Praça da Liberdade, localizado na região centro-sul, de Belo Horizonte e integra o Circuito Liberdade. A instituição está dividida nas seguintes áreas: Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade; Núcleo de Astronomia; Núcleo de Audiovisual; Núcleo de Comunicação e Design e Núcleo de Expografia. A instituição é coordenada por um Conselho de Curadores e administrado por uma diretoria composta por um diretor científico-cultural e seu adjunto.

As visitas ocorrerem de terça-feira a domingo de 10h às 17h e aos sábados de 10h às 21h. As visitas escolares e de grupos devem ser agendadas previamente. O Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço cultural diferenciado, que conjuga cultura, ciência e arte simultaneamente. Ele é fruto de uma parceria firmada em 2015 entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e desde 2010, integra o Circuito da Praça da Liberdade, hoje Circuito Liberdade, considerado atualmente o maior complexo cultural do país. No presente, o Espaço recebe o patrocínio da Unimed-BH pela Lei Federal de Incentivo à Cultura. Espaço é organizado em 4 andares de exposições de longa e curta duração, um planetário óptico-digital e um terraço astronômico. A exposição de longa duração, Demasiado Humana e as mais de dez mostras temporárias sobre os mais diversos temas e curadorias.

Nos últimos anos o Espaço do Conhecimento vem desenvolvendo atividades inclusivas a partir do financiamento do Programa de Apoio a Inclusão e Promoção à Acessibilidade – PIPA, do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI/UFMG. Este é um dos órgãos mantidos pela diretoria da Reitoria na Universidade Federal de Minas Gerais, que anualmente investe em projetos na área de inclusão da instituição.

A partir de um olhar reflexivo apoiando-se nas fontes

consultadas¹, são poucos os estudos abordando a formação dos mediadores nos espaços culturais e as atividades realizadas para as pessoas com deficiência. Desta forma, foram feitas buscas sistemáticas utilizando como palavra chave os termos: deficiência, museus e ações educativas.

Esta pesquisa tem o intuito de investigar as ações educativas inclusivas realizadas para o público surdo e cego, do Espaço UFMG, por causa da diversidade de público que perpassam a instituição durante a visitação agendada e a visitação espontânea. Com isso, percebe-se a necessidade de investigar as ações educativas realizadas para esses sujeitos devido a sua singularidade, além de promover a formação dos profissionais (licenciandos em formação) que atuam nesses espaços.

Portanto busca-se analisar o potencial inclusivo das atividades realizadas pelo Espaço do Conhecimento, além de promover uma discussão sobre os aspectos que norteiam o acesso e a permanência dos públicos com necessidades especiais no espaço cultural durante o momento de fruição.

A mediação cultural nos setores educativos: multiplicar informações de forma acessível

Desde a década de 1990, os setores educativos dos museus se abriram a práticas que contemplam o diálogo com os diversos públicos que visitam as exposições. Com isso, pode-se verificar uma intensificação das visitas escolares e de público espontâneo nesses espaços, no início do século XXI.

Conforme Devallon a mediação cultural é compreendida como

[...] a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. [...] (2007, 4 p.)

Para Gohn (2010), os educadores no contexto não formal, precisam incluir os valores da comunidade em que atuam, nas práticas pedagógicas que exercem, atuando a partir de um compromisso social, a fim de atingir os sujeitos atendidos de maneira a proporcionar outras leituras do mundo. Esta indicação também pode ser observada em Hissa, ao defender que “[...] os saberes urbanos são produzidos a partir das experiências e práticas de diversos tipos, conduzidos pelos sujeitos e pelas comunidades urbanas [...]” (2011, 36 p.).

¹Pesquisa realizada no Portal da CAPES no Banco de Teses e Dissertações.

A mediação cultural pretende dialogar com os modos de individualização que vão além das relações entre os sujeitos e o espaço, enquanto modelo *estrutural* das ações educativas que desenvolvem. Para isso, tal como propõe Hissa (2011), é preciso emergir na mobilidade dos sujeitos, por esta ser uma das fontes de se potencializar a criatividade e a inovação.

Neste contexto,

Se a ciência se propõe a compreender a vida, é preciso que ela se alimente do que é feita a vida: experimentação (e não experiência); invenção (e não reprodução); conflito (e não ordem). Assim, me parece que a vida é feita de representação, da instabilidade de diálogos e conflitos. (Hissa, 2011, 48 p.)

Bourriaud e Bottman (2009) nos trazem as questões sobre a existência a partir das conexões que são formadas a partir do encontro, que se estabelece em um breve período de tempo. Assim, os afetos criados entre artista, público, objeto e mediador dimensionam a estética relacional a um patamar que tenta reorganizar as formas sociais inseridas no ambiente cultural.

De Duve discorre que "[...] O modernismo classifica a arte de acordo com o meio e com tudo o que envolve essa noção: materiais específicos, suportes, ferramentas, gestos, procedimentos teóricos e convenções de especificidades [...]" (2003, 98 p.). A partir dessas constatações, pode-se questionar: como o setor educativo é capaz de mediar o acesso dos sujeitos aos conceitos artísticos, sem que haja indução no momento da fruição. Visto a singularidade do acervo, dos espaços culturais e dos visitantes. De acordo com Foucault,

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado) [...]. (2006, 39 p.)

A linha parece tênue entre o discurso afetivo e informativo, que os educadores museais podem tomar à medida que o ato da mediação se torna um processo de troca de conhecimento, experiências e experimentações entre os sujeitos.

Para Foucault (2006), a *sociedade do discurso* tem como intenção conservar os discursos ou produzi-los de maneira que eles possam circular apenas em um determinado espaço, sem que os detentores do *saber* possam ser despossuídos de seu conhecimento em detrimento dessa distribuição.

As atividades realizadas pelos mediadores atuam de forma a possibilitar a inserção de

novos sujeitos, com particularidades e perspectivas distintas nessa vivência cultural. Assim, busca-se promover a aproximação da arte, principalmente à contemporânea com o cotidiano dos visitantes.

Nas palavras de Marandino: “[...] Entender as características dos diversos contextos educativos e refletir sobre aproximações e diferenças entre eles nos ajuda a aprimorar a nossa ação educativa em museu.” (2008, 15 p.). Assim, pode-se verificar o potencial desses locais em multiplicar informações, tanto as de caráter científico, como as artísticas e populares.

Neste sentido, Marandino discorre sobre a necessidade de se reconhecer as especificidades desses espaços: “É possível perceber que museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria” (MARANDINO, 2001, 88 p.).

Assim, Nascimento e Plantin (2009) apontam a importância educativa, social e cultural dos museus, devido à capacidade de se construir conhecimento, além de promover a compreensão do mundo pelo sujeito, tornando-o crítico e reflexivo sobre os fatos que o rodeiam.

Este olhar para as relações entre o espaço, os sujeitos e os objetos nos conduz à *cartografia*, assim a pesquisa é vivenciada como uma paisagem não estática que esta sempre a se modificar. Por entender que esta análise se faz de forma processual. Neste contexto, “[...] a mediação estabelece uma nova relação entre o sujeito e o objeto designado, isto é, promove um agir produtor, reflexivo e finalizado do sujeito sobre o objeto [...]” (NASCIMENTO, 2013, 181 p.).

De acordo com Silva et al. (2004, 107 p.) “[...] Não se pode limitar a percepção dos museus aos espaços fechados, pois, efetivamente, eles se relacionam com territórios e agem junto às populações [...]”. Portanto, pode-se verificar que diferentemente do ambiente escolar, as práticas educativas em museus permitem aos educadores outras abordagens e perspectivas.

Para Honorato (2007, 125 p.) o “[...] trabalho da mediação educacional, não apenas pressupõe de certa maneira a reciprocidade entre o artista e o público, mas atua em colaboração com as práticas artísticas [...]”. No que se refere à mediação do conhecimento entre os sujeitos, ao frequentar o espaço e interagir com os objetos que os constituem.

Desta maneira, cada platô² deve ter seu próprio clima, tom e timbre, tal como discorre

²Conceito utilizado por Deleuze (2011) designa uma estabilidade intensiva, ou seja, uma multiplicidade conceitual, “Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior.” (DELEUZE, 2011, 112 p.)

Deleuze (1992) e meu estudo procurar desvendar. Ao investigar a essência das práticas docentes e da vivência dos sujeitos que “transitam” provisoriamente esses locais. Para o autor “[...] só a obra de arte nos faz redescobrir o tempo [...] Ela nos porta os signos mais importantes cujo sentido está contido numa complicação primordial, verdadeira eternidade, tempo original absoluto” (1987, 46-47 p.).

A partir das colocações apresentadas, pode-se verificar a relevância dos setores educativos das instituições culturais para o fortalecimento das ações educativas que visem à mediação entre os sujeitos. Ou seja, os diálogos que promovem a partilha e as trocas de saberes, a partir da relação com a arte e os diversos públicos presentes nas Instituições museais.

Assim, o intuito é compreender os acontecimentos que “vivificam” as relações dos sujeitos com seus pares, dos sujeitos com os objetos, e dos sujeitos com o espaço. Ou seja, a interferência que um promove no outro ao potencializar e modificar as relações sociais e os discursos nos centros de culturais.

METODOLOGIA

A pesquisa se realizou pela investigação documental, das atividades educativas realizadas pelos mediadores, do Espaço do Conhecimento UFMG, quanto ao atendimento às pessoas com deficiência visual e auditiva, durante o ano de 2016. Os documentos utilizados foram dois relatórios anuais: o primeiro referente a todas as atividades do Núcleo de Educação, Acessibilidade e Pesquisa e o segundo do Núcleo de Acessibilidade. Vale destacar que ambos os relatórios por serem administrativos, apresentavam os dados de forma descritiva, com breve síntese das ações desenvolvidas no período investigado, desde a organização das exposições acessíveis até as oficinas executadas.

Nesta pesquisa, foram realizadas as conjugações dos métodos teóricos e práticos de investigação. Em um primeiro momento a análise documental buscou aprofundar a compreensão sobre as ações educativas realizadas pelo Núcleo de Acessibilidade do Espaço do Conhecimento UFMG, depois foram consultados teóricos que dialogam com a experimentação cultural a partir das ações educativas multissensoriais. Assim, os dados foram separados em dois grupos distintos: no primeiro foram descritas as atividades realizadas para os públicos de modo geral, e em um segundo momento, foi analisado o potencial inclusivo das atividades desenvolvidas.

Desta forma, pode-se constatar que mesmo as atividades formativas que não estavam diretamente relacionadas às pessoas com deficiências poderiam ser inclusivas, pela proposta se familiarizar com a temática multissensorial durante a fruição experiencial do espaço museal. A partir desta análise, podemos confirmar ou refutar hipóteses e aprofundar o olhar sobre os dados, no que se refere às atividades realizadas em prol das pessoas surdas e cegas nesse ambiente cultural. Conforme Kastrup e Barros "[...] O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento [...]" (2012, 73 p.), tendo em vista a inclusão dessas pessoas nos espaços de arte e o envolvimento de profissionais aptos a desempenharem a mediação cultural com estes sujeitos.

Nesse sentido, o material coletado e analisado, foi utilizado para corroborar evidências de outras fontes ou acrescentar informações ao estudo, por isso a pesquisa descritiva aqui expressa é parte significativa na constituição do trabalho. Além disso, os dados foram categorizados, a partir da sua relação com o campo museal, especificamente a inclusão, sendo: a acessibilidade espacial e a fruição das pessoas com deficiência tendo em vista as práticas educativas inclusivas, mesmo que inicialmente não estivessem voltadas para esse público.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O ambiente quando inacessível se apresenta como uma barreira na vivência cultural das pessoas com necessidades especiais. Neste sentido, as barreiras podem ser arquitetônicas ou físicas. E ambos os casos a participação dos sujeitos nas atividades culturais se tornam inviáveis e os impactos podem ser negativos. Desde a década de 1970 até os dias atuais, diversos documentos internacionais³ foram assinados em prol de se assegurar os direitos das pessoas com necessidades especiais, de forma plena na sociedade. Para que possam usufruir dos serviços de maneira igualitária aos outros indivíduos.

A “*Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*”, realizada pela Organização das Nações Unidas – ONU estabelece que as pessoas com necessidades especiais possuam o direito de desfrutar a vivência em comunidade como os demais sujeitos. Por isso,

³ RESOLUÇÃO ONU Nº 2.896, DE 1971; RESOLUÇÃO ONU Nº 3.447, DE 1975; RESOLUÇÃO ONU Nº 37/52, DE 1982; RECOMENDAÇÃO ONU Nº 168, DE 20 DE JUNHO DE 1983; RESOLUÇÃO ONU Nº 45/91, DE 1990; NORMAS PARA EQUIPARAÇÃO DE OPORTUNIDADES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DA ONU Nº 48/96, DE 1993; DECRETO Nº 6949; DECRETO Nº 3956/2001; Convenção ONU Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2007; Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes; Declaração Internacional de Montreal sobre inclusão; Carta para o Terceiro Milênio; Declaração de Salamanca; Convenção da Guatemala, entre outras.

os serviços e instalações que compõem a sociedade devem atender às necessidades de cada sujeito, respeitando, assim, as suas particularidades. (SEDPcD, 2012, 117 p.)

A análise documental que teve como base o relatório de todas as ações educativas realizadas na Instituição no ano de 2016 demonstram que foram realizadas o total de 26 (vinte e seis) atividades formativas para o público da Instituição entre oficinas e percursos temáticos. O que nos faz refletir sobre as propostas educativas e inclusivas que estão sendo realizadas pela instituição a fim de atrair o público com necessidades especiais. A partir disso, pode-se notar o potencial inclusivo das atividades realizadas pelos mediadores, pois estas ações possuem em sua maioria um viés formativo para o acesso e a permanência das pessoas com deficiência nas exposições permanentes e itinerantes do Espaço do Conhecimento.

E para isso ocorrer de modo a beneficiar estes sujeitos, deve-se eliminar os obstáculos à acessibilidade no local e criar um ambiente acessível. Neste sentido, é preciso identificar através das pessoas com deficiência, quais são as necessidades desses sujeitos ao visitarem um espaço cultural e quais as possíveis soluções para a resolução destas barreiras comunicacionais e até mesmo arquitetônica. Além de cumprir as obrigações legais e tornar a informação nesses locais disponíveis para todos os públicos, isso pode ser observado no que estabelece a Declaração de Salamanca (1994).

Durante a análise documental foi identificado que O Espaço do Conhecimento UFMG recebeu as exposições temporárias "Processaber", "Cartografias Sonoras" e "O Céu como Patrimônio" e todas passaram por adaptações de maneira a tornar-se acessível. A primeira recebeu adaptações em seus labirintos para que os sujeitos que fazem uso de cadeiras de rodas, pudessem adentrar o local de forma autônoma. Na segunda foram utilizadas legendas em braille e na última além deste sistema de comunicação, algumas fotografias expostas foram reproduzidas de modo que pudessem ser tocadas pelas pessoas cegas ao visitarem a instituição.

Outro aspecto a ser considerado durante a organização de exposições acessíveis é a produção de informações sonoras, visuais e táteis. Visto que são imprescindíveis para a locomoção segura e independente desses sujeitos e, por também, propiciar a fruição das pessoas com deficiência de modo único e particular. Estas adaptações se fazem necessárias para ampliação do acesso das pessoas com necessidades especiais no espaço cultural, além de serem cruciais para o cumprimento do que dispõe as metas do Plano Nacional de cultural de 2010. Além disso, estas ações podem ser definidas como boas práticas devido a sua função de possibilitar ao sujeito independente de sua necessidade específica

ou especial uma experimentação museal "completa", no que se refere à interação com os mediadores ou durante a fruição artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, podemos afirmar que o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas em espaços culturais, favorece o acesso dos sujeitos com necessidades especiais nos Museus e Centros de Artes. Assim, a inclusão destes sujeitos pode contribuir para a constituição da autonomia das pessoas com deficiência, durante a fruição cultural em Museus e Centros Culturais da cidade e a sua singularidade física e cognitiva pode ser utilizada de modo a potencializar a sua experimentação durante a visita. Para isso, devem se criar estratégias de mediação que façam uso de recursos multissensoriais, a fim de aproximar os sujeitos dos trabalhos expostos.

Os resultados desta pesquisa demonstram que o Espaço do Conhecimento, desenvolve ações educativas específicas para pessoas com deficiência utilizando recursos multissensoriais, intérprete de LIBRAS e materiais confeccionados em Braille para facilitar a autonomia dos sujeitos durante a visita. São realizadas atividades formativas específicas para o público com deficiência, os mediadores da instituição recebem formações semestrais sobre a singularidade de um visitante surdo ou cego no espaço de arte, promovendo assim, a permanência destes sujeitos no Espaço UFMG. Apesar da pesquisa não ter inicialmente um viés para as questões da acessibilidade espacial, durante a interpretação dos dados pode-se constatar que a Instituição, procura desenvolver exposições acessíveis para o acesso do público com deficiência.

Neste sentido, podemos destacar que o Espaço do Conhecimento UFMG realiza ações educativas inclusivas, promove a formação continuada dos mediadores que atuam no espaço e produz ações formativas e inclusivas para a sociedade de modo a incluir as pessoas com deficiência nos espaços culturais em duas frentes: nas questões espaciais e cognitivas, a última ao adaptar o conteúdo das exposições e atividades para os sujeitos de forma singular. Estes indicativos estão presentes nos documentos pesquisados, que remetem as atividades desenvolvidas no ano de 2016. Desta forma, pode-se perceber que a instituição garante a permanência destes sujeitos no espaço expositivo ao promover o livre acesso dos sujeitos de forma a garantir a sua autonomia durante a fruição cultural.

REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas; BOTTMANN, Denise. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009. 151 p.

BRASIL. **As Metas do Plano Nacional de Cultura**. Ministério da Cultura. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MINC, 2012. 216 p.

BRASIL. **Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009**. Cria o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/830080.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

DE DUVE, Thierry. **Quando a forma se transformou em atitude - e além**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - EBA, UFRJ, 2003. p. 93-105. Disponível em: <<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/11/Quando-a-forma-se-transformou-em-atitude-%E2%80%93-e-al%C3%A9m-De-Duve.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 3-100 p.

DELEUZE, Gilles. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**, 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 559 p.

DEVALLO, Jean. **A mediação: a comunicação em processo?**. Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação. n. 4, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/645/pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, 79 p.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). **Conversações: das artes e de ciências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 315 p.

HONORATO, Cayo. **Expondo a mediação Educacional**: questões sobre educação. ARS, São Paulo, v. 5, n. 9, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202007000100010>. Acesso em: 15 mai. 2016.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzano de. **Cartografar é Acompanhar processos**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetiva**. Por Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75 .

MARANDINO, Martha. **Educação em Museus: a mediação em foco**. São Paulo: FEUSP, 2008. 36 p.

MARANDINO, Martha. **Interfaces na Relação Museu-Escola**. Caderno Catarinense de Ensino de Física, v. 18, n.1, abr. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/download/6692/6159>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do; PLANTIN, Christian. **Argumentação e Ensino de Ciências**. Curitiba, PR: CRV, 2009. 164 p.

NASCIMENTO, Sylvania Souza do et al. **As práticas educativas em museus de Minas Gerais: considerações iniciais do projeto museu e escola: um duplo olhar sobre a ação educativa**. Ensino em Re-Vista, v. 20, n. 1, p. 179-192, jan./jun. 2013.

SEDPcD, Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Relatório Mundial sobre a deficiência/World Health Organization, The World Bank**; tradução Lexicus Serviços Linguísticos. Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 2012. 334 p.

SILVA, Juliana Aguiar; DANIEL, Fátima de Gênova; ESQUEDA, Marileide Dias. O papel do tradutor e seu enfoque nos cadernos de tradução da universidade federal de Santa Catarina. Cadernos de Tradução, Santa Catarina, v. 2, n. 20, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/1172/908>>. Acesso em: 12 jun. 2009.